

DIONISO, CAPITALISMO E PSICOPATOLOGIA: UMA CORRELAÇÃO DO MITO DIONISÍACO COM A SOCIEDADE ATUAL

2011

Rodrigo Gouvêa

Psicólogo. Pós graduando em Psicologia Junguiana pelo IBMR, Brasil

E-mail:

drigouvea@uol.com.br

RESUMO

O artigo objetiva compreender a atual sociedade ocidental como local e época de favorecimento de psicopatologias, uma vez que não reflete caráter introspectivo. Através da análise do filme 'Fight Club', estrelado por Edward Norton e Brad Pitt, o texto tenta dar conta dos paradoxos do capitalismo, correlacionando com o mito de Dioniso, mostrando o adoecimento do corpo e da mente.

Palavras-chave: Jung, sombra, mitologia, Dioniso, capitalismo, paradoxos, psicopatologia, introversão

INTRODUÇÃO

“Só se pode falar numa verdadeira doença mental quando o conteúdo do inconsciente toma o lugar da realidade consciente”¹

Jung

“Ágave soltava espuma pela boca e revolvía suas pupilas em plenos desvario, não tinha juízo pois estava possuída por Baco, e seu filho não conseguia persuadi-la”²

López-Pedraza

¹ JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 137.

² LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 98.

Dioniso, Baco, Zagreu, Brómos, deus do vinho, da tragédia, da loucura, do excesso. Deus que demora a ser absorvido na Pólis, sendo um estranho familiar, deus que nasce perseguido, mas que despedaça, sacrifica, deus de opostos, onde seu culto inicia pelo excesso e termina na reclusão, passa pelo acasalamento, criação de vida e também pela morte, onde existe uma ambivalência de emoções.

Em representações do deus, mostram-no como um velho de barba em outros como um belo jovem. Dioniso foi um deus das metamorfoses, e, por suas inúmeras formas de aparições, suas representações animais, seus rituais mascarados, parece determinar um deus que não usa forma única, que parece a cada momento usar um rosto. Bem semelhante e relacionado aos sentimentos humanos, com sua alegria, tristeza, êxtase, revolta, transgressão etc. Como diz López-Pedraza³, a irracionalidade e a natureza contraditória de Dioniso, nos serve para explorar metaforicamente zonas de “sombra” na natureza humana.

A maldição dionisíaca sobre os que não lhe receberam bem ou que lhe negaram culto, mostra o lado transgressor do deus, sua imposição a vir a “superfície”, ter seu espaço e o dominá-lo. Foge das ditas regras sociais.

O tema deste artigo foi desenvolvido a partir de um levantamento teórico, correlacionando com o filme *Fight Club*. O tema é pertinente não apenas tendo a atual sociedade em foco, mas observando a história por si só. Falamos de uma sociedade com linguagem mais objetiva, concreta, lógica, que favorece a produtividade, o homem como máquina. Uma sociedade voltada para o controle, certeza e especificidade, onde todos sabem sua função e as metas a serem alcançadas. Atem-se aos fatos básicos, sem interesse pelas coisas que não vê utilidade. Dá importância ao consumo e aparência, voltando-se para o prazer e conforto do corpo, onde o externo deve ser sempre apreciado e admirado.

Seria a patologia uma fuga deste sistema? Seria por isso a necessidade de emersão das forças dionisíacas com seus paradoxos e irracionalidade? Seria a doença mental a não associação dos paradoxos?

Desenvolvimento do Tema

Com o objetivo de sobrevivência no mundo ocidental, a extroversão se desenvolveu em detrimento da introversão, desfavorecendo uma maior visão interior e maior conhecimento de si mesmo. Métodos repressivos são utilizados para introverter, incluindo a flagelação e assim tentar

³ *Ibid.* p. 07.

contato com o “divino” de nosso interior. A tendência para extroverter se converteu em uma necessidade compulsiva de sobrevivência.⁴

Para López-Pedraza, *Dioniso era um deus local e estrangeiro ao mesmo tempo, e é desta forma que se apresenta frequentemente nos sonhos: um estrangeiro que vem a ser familiar, paradoxo aparente que poderia contribuir para o movimento psíquico.*⁵ E ainda *Dioniso permite uma perspectiva arquetípica para relacionar-se e para diferenciar nossas emoções, como uma via de acesso ao mundo interior*⁶. No geral, estamos distanciados de nossas emoções, e relutamos a presença do deus.

Relutar a presença do deus, significa não só a emersão dos seus aspectos frenéticos, mas também as características de sossego e quietude, tão indispensáveis a psicoterapia bem como ao próprio corpo.

Duas forças estão personificadas no mito dionisíaco, e estão em oposição dentro da natureza humana – a força dionisíaca e a titânica. Os Titãs, diferentes dos deuses do Olimpo, por serem forças mais “arcaicas” e primitivas, eram carentes de imagens, formas e limites, tinham relação com energia incontida. A violência titânica sobre Dioniso parece ter sido registrada com grande terror, provocando uma experiência única, partindo assim para a vingança, e adotando o esquartejamento como padrão em toda sua história. Lopez-Pedraza afirma que as iniciações dionisíacas ocorrem ao longo de toda vida, a fim de constantemente propiciar o movimento psíquico⁷.

Para tanto diz: *Fracassar no prosseguimento desse projeto pode significar doença ou paralisia psíquica. Sabemos então que a saúde psicossomática depende do fato de viver-se cada etapa da vida, psiquicamente.*

Neste sentido, lembramos Hillman⁸ ao afirma que patologizar é necessário. A loucura dionisíaca é ao mesmo tempo doença e cura.

Amplificação com filme *Fight Club*

Fight Club é um filme que caracteriza a loucura como fuga ao movimento capitalista e financeiro da sociedade contemporânea, fazendo forte crítica a este sistema, definido pelo personagem principal como local de aprisionamento e repressão.

O narrador do filme, é um jovem com uma vida financeira estável, trabalha como investigador de seguros, porém sofre com problemas de insônia. Busca solução, porém um

⁴ *Ibid.* p. 42-43

⁵ *Ibid.* p. 62.

⁶ *Ibid.* p. 44-45.

⁷ *Ibid.* p. 31-32.

⁸ HILLMAN, James. **Re-vento a psicologia**. Coleção Reflexões Junguianas. Petrópolis: Vozes, 2010.

médico se recusa a lhe passar medicamentos e para tentar se curar, começa a frequentar terapias em grupo. Sua vida muda de forma brusca quando ele conhece Tyler Durden, vendedor de sabonetes, que tem uma estranha filosofia, representando total anarquia.

Juntos, formam um Fight Club, onde pessoas se esmurram violentamente em algumas noites, experimentando a vida, exteriorizando seus instintos mais cruéis e bárbaros. Tudo ganha propósitos maiores quando as coisas começam a ficar loucas e surreais com planos de crítica ao sistema capitalista, representado pela destruição de prédios importantes, trazendo a “libertação” dos funcionários presos ao sistema. “Rejeite a civilização” é o lema do grupo.

Ao final do filme, a grande revelação, narrador e amigo são um, ou melhor, Tyler é criação da mente do narrador, onde se permite vivenciar seus instintos, desejos, aspectos sombrios, e situações que são impedidas pelas regras sociais.

Edward Norton, ator e narrador do filme em entrevista afirma, "Decidimos bem cedo que eu começaria a passar fome à medida que o filme corria, enquanto que o Brad Pitt levantaria pesos e iria para salões de bronzamento; ele tornaria-se cada vez mais idealizado enquanto eu me desmoronaria". Desta forma vemos a dualidade das personagens, pois Tyler é o que o narrador não pode e gostaria de ser.

Durante todo o filme, o narrador se compara a órgãos da sua versão instintual, dizendo “sou o câncer de Tyler”, “sou o rim de Tyler”, “sou o suor frio de Tyler”. Comparando ao mito dionisíaco, podemos ter a noção de esquiteamento do seu eu, da sua psique, a desfragmentação tão característico no estado de loucura.

A personagem se dá conta de sua loucura dionisíaca ao final do filme, se questionando se estava dormindo, se ele dormiu. Parecia estar possuído por uma força, e tem a necessidade de matá-la, tanto literal como simbolicamente, a ponto de atirar em sua própria face. Será que Tyler realmente se foi? Será que o encontro com a alma (representado pela mão dada a Marla na cena final) distancia esta sombra? Talvez não teremos estas respostas, mas vemos o surto do personagem com uma importância catártica, aliviando a tensão frente a sua prisão social e digamos “racional”.

Jung escreve que “Só se pode falar numa verdadeira doença mental quando o conteúdo do inconsciente toma o lugar da realidade consciente”⁹. A personagem do filme parece viver este mesmo conflito ao afirmar que cada dia se torna mais aquele a quem repudia e exalta ao mesmo tempo. Sua consciência parece estar sendo tomada ao longo do filme por sua sombra.

Observando nossa cultura ocidental, vemos um favorecimento, talvez exaltação, das funções pensamento e sensação, em detrimento das funções sentimento e intuição, da mesma forma que há favorecimento da atitude extroversão e não da introversão. Como já mencionado, este tipo dominante exalta a produtividade, a visão do humano como máquina. A função sensação, neste contexto, volta para o aqui - agora, resolução a curto prazo e praticidade,

⁹ JUNG, Carl Gustav. *Op. cit. Loc cit.*

exatamente o dinamismo necessário para um universo capitalista onde o “tempo vale cifras”. Consumo e aparência caminham juntos favorecendo o apressado ao externo.

Uma vez que o sistema não permite a crítica a ele, o narrador do filme tem como fuga a loucura, e com o lema de trazer liberdade, explode prédios e “zomba” do poder vigente. Neste sentido, dá a sociedade seus dias de adoração a Dioniso, onde todos param e cultuam o deus da liberdade, o deus que foge as regras sociais.

CONCLUSÃO E COMENTÁRIO PESSOAL

Dioniso é um deus de opostos, de paradoxos e ruptura ao padrão. Tem forte energia e neste aspecto é comparado aos conteúdos inconscientes que querem chegar à consciência. A loucura dionisíaca, características em seus cultos, é semelhante a alguns estados de doença mental em seres humanos. Qualquer conexão fácil com o corpo não existe.

O capitalismo, e a roda arquitetada pelo sistema, favorece o aparecimento de doenças, fobias, sensação de angústia e não apto a participar deste mundo. Ao mesmo tempo, dificulta a introversão, e ir ao encontro do si mesmo.

O filme *Fight Club* prova de forma enfática a inversão da sociedade, frente as suas demandas, adoecendo o corpo e a mente. Estamos dormindo? Estamos acordados? Na verdade, estamos presos e reprimidos, como diz o narrador do filme.

Como terapeutas, qual é o nosso papel ao observar o Dioniso na análise? A resposta é dada por López-Pedraza ao dizer: *Como está escrito na obra, “Dioniso, filho de Zeus, em sua natureza divina, é o mais terrível, porém o mais amável para os humanos”¹⁰.*

Para mostrar que Dioniso, bem como os mitos estão presentes em todos os momentos, cito Hollis quando este escreve sobre Individualização e Relacionamento:

“Os relacionamentos sempre envolvem nossos históricos pessoais. Contudo a história de cada um de nós é uma ficção, não como aconteceu, mas como a construímos. A ficção não é algo inverídico, da mesma forma como o mito não o é. É algo feito (do latim *facere*, fazer). Nossa mitologia pessoal, nosso histórico pessoal, é uma coisa feita, uma narrativa carregada de emoções, com blocos de energia que então se relaciona de modo autônomo com a vida em vigília e os sonhos. Nossa história não é a realidade objetiva, seja lá o que isso for, mas nossa mitologia com todas as suas variações, das quais são verdadeiras. Ao mesmo tempo somos o órfão maltratado, o amigo sem valor, o viajante heróico, a criança de nossa era e mais coisas, todas fora do eixo temporal; e, mais fundamentalmente também somos o sujeito, o propósito e o portador de um drama arquetípico. Nunca saberemos, da mesma maneira como Newton jamais poderia

¹⁰ LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. *Op. Cit.* p. 104.

apreender o oceano de verdades rugindo à sua volta e em seu íntimo. Apesar disso, não conseguimos abandonar a tentativa de alcançar um relacionamento mais profundo com o nosso próprio mito”.¹¹

*“O homem ocidental, especialmente, tem tido muita dificuldade em assumir sua vida interior”.*¹²

¹¹ HOLLIS, James. **Rastreando os deuses: o lugar do mito na vida moderna**. São Paulo: Paulus, 1997. p.197.

¹² LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. *Op. Cit.*p. 42.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

HILLMAN, James. **Re-vendo a psicologia**. Coleção Reflexões Junguianas. Petrópolis: Vozes, 2010.

HOLLIS, James. **Rastreamento os deuses: o lugar do mito na vida moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo**. São Paulo: Paulus, 2002.

Filme

Fight Club. Direção: David Fincher. Produção: Art Linson, Cean Chaffin e Ross Grayson Bell. Edição: James Haygood. 1999.